

CAETÉ

Revista de Ciências Humanas

O “Sertão” chama a atenção, mas raramente fecha a conversa: um exame dos usos da categoria em teses e dissertações brasileiras na área de História (2007 – 2023)

The “Sertão” draws attention but rarely concludes the conversation: an examination of the uses of this category in brazilian theses and dissertations in the field of History (2007 – 2023)

Itamar Freitas¹

Universidade Federal de Sergipe

itamarfreitasufs@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-2226-2015>

RESUMO

Este artigo examina os usos da categoria “sertão” e de seus derivados em 244 títulos de teses e dissertações defendidas nos programas brasileiros de pós-graduação em História entre 2007 e 2023, com leitura integral de 64 desses trabalhos. Mediante abordagem mista – quantitativa e qualitativa –, foram analisadas a distribuição temporal, institucional e regional das pesquisas; a função sintática dos termos nos títulos; os significados atribuídos nos corpos textuais; e a consistência argumentativa do uso da categoria ao longo dos textos. Os resultados revelam crescimento expressivo da produção, com forte concentração no Nordeste e um campo semântico em expansão. No entanto, observa-se que, embora recorrente, a categoria é frequentemente empregada sem fundamentação teórica explícita e sem coerência argumentativa plena. Conclui-se que o “sertão” mobiliza o imaginário acadêmico, mas nem sempre sustenta analiticamente os textos que o tomam como eixo interpretativo.

Palavras-chave: Sertão; historiografia brasileira; teses e dissertações; análise conceitual; coerência argumentativa.

ABSTRACT

This article examines the uses of the category “sertão” and its derivatives in 244 thesis and dissertation titles defended in Brazilian graduate History programs between 2013 and 2023, including a full reading of 64 selected works. Using a mixed approach – both quantitative and qualitative – the study explores the temporal, institutional, and regional dynamics of production, the syntactic functions of the terms in titles, the semantic variations within the texts, and the argumentative consistency of the category’s use. Results show significant growth in academic interest, concentrated mainly in the Northeast, and a broadening semantic field. However, the category is often employed without theoretical grounding or analytical coherence. The study concludes that although “sertão” appeals to historical imagination, it frequently fails to anchor the interpretive structure of the works in which it appears..

¹ Doutor em Educação (PUC/SP-2006) e em História (UFRGS-2019) e pós-doutorado no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Brasília (PPGH/UnB-2014). É professor do Departamento de Educação, do Programa de Pós-graduação Profissional em Ensino de História e do Programa de Pós-graduação em História (UFS), editor-executivo da revista “Crítica Historiográfica” e coeditor do blog “Resenha Crítica”.

Keywords: Sertão; Brazilian historiography; theses and dissertations; conceptual analysis; argumentative consistency.

1 INTRODUÇÃO

Neste estudo investigamos os usos das expressões “sertão”, “sertões”, “sertanejo(a)” e “sertanejos(as)” em teses e dissertações defendidas nos programas brasileiros de pós-graduação em História no período de 2007 a 2023, marcos temporais dentro dos quais as fontes selecionadas foram localizadas. Inicialmente, apresentamos um mapeamento dessa produção em termos de gênero textual, instituições e regiões produtoras. Em seguida, concentramos a análise na função sintática desses termos nos títulos e subtítulos das obras, observando se atuam como núcleo ou complemento do objeto do conhecimento. Além disso, identificamos os significados atribuídos a essas palavras e os aportes teóricos empregados na construção de suas definições. Por fim, analisamos o grau de fidelidade das conclusões de uma amostra dos trabalhos no que diz respeito à relação entre as questões/objetivos orientadores da interpretação de evidências sobre “sertão”, “sertões”, “sertanejo(a)” e “sertanejos(as)” e as considerações finais ou conclusões desdobráveis dessas questões.

Justificamos esta análise pela relevância da terminologia na historiografia e sua relação com a construção de identidades, narrativas e representações do espaço e dos sujeitos sertanejos, bem como pela raridade dos textos dedicados à revisão da literatura, mesmo em suas versões mais simples: a de escopo (Zhai; Razali; Sulaiman, 2022). Em pesquisas exploratórias preliminares, em revistas brasileiras de História indexadas no site *Resenha Crítica* (ISSN 2764-0302), identificamos 151 publicações que utilizaram a categoria “sertão” como título ou subtítulo, entre 2020 e 2024. A distribuição por ano revela um pico inicial em 2020, com 88 publicações, representando 58% do total. Os anos seguintes apresentam uma queda significativa, com 25 publicações em 2021 (16,6%), 8 em 2022 (5,3%), e uma recuperação gradual em 2023 (19 publicações, 12,6%) e 2024 (11 publicações, 7,3%).

No recorte por periódicos, *História e Cultura* se destaca com 19 publicações (12,7%), seguida por *Crítica Histórica* com 9 (6%), *Sæculum*, *Revista Ruris* e *Albuquerque – Revista de História*, cada uma com 8 publicações (5,3%). A área de concentração em História dos Sertões, presente, por exemplo, no Programa de pós-Graduação em História do Centro de Ensino Superior do Seridó, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (CERES/UFRN) e a concentração em determinados periódicos sugere a existência de grupos de editores articulados e sensíveis à noção de sertão, com a publicação de dossiês e, ainda, a sistemática divulgação de artigos livres em revista especializada, como é o caso de *Sertão História: Revista Eletrônica do Núcleo de Estudos em História Social e Ambiente* (NEHSA). Apesar dessa potente inserção nos domínios históricos, carecemos de textos que abarquem de modo sistemático a produção sobre a matéria difundida em teses e dissertações brasileiras.

Neste estudo, portanto, objetivamos compreender os usos desses termos nos trabalhos acadêmicos da área de História, apontando vícios e virtudes como estratégia de aperfeiçoamento na formação inicial de pesquisadores que empregam as referidas palavras na condição de categoria central em seus trabalhos de graduação e pós-graduação. Para isso, adotamos uma abordagem mista: quantitativa no trabalho de tipificação dos termos e qualitativa na análise linguística e historiográfica.

Em termos teórico-metodológicos, definimos este trabalho como artigo de revisão crítica da literatura (Haby et al, 2016, p.54) produzida em cursos de pós-graduação em História. O universo da amostra são cerca de 1.616.777 trabalhos de pós-graduação registrados no “Catálogo de Teses e Dissertações da Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Fundação Capes), somados aos 729.013 registrados pela Biblioteca Digital de Teses e Dissertações do Instituto Brasileiro de Ciência, Informação e Tecnologia (BDTD/IBICT) consultados em janeiro de 2025. A amostra, do tipo não probabilística, é constituída por 55 teses (23%) e 189 dissertações (73%), defendidas entre 2013 e 2023, selecionadas a partir dos já referidos descritores inseridos nos títulos dos trabalhos: “sertão(es)”, “sertanidade(s)”, “sertanejo(s)” e “sertaneja(s)”. Duzentos e quatro desses trabalhos estavam registrados apenas no BDTD e no CTD, enquanto os demais (40) pertenciam aos dois acervos.

As unidades de leitura são os títulos de 244 trabalhos, examinados a partir das orientações dos textos acadêmicos que se ocupam das estruturas sintáticas (Cheng, 2012, p.6-8). Dentro deste conjunto, unidades de leitura são também os textos integrais de 64 trabalhos que empregam “sertão” de modo isolado e abstrato nos títulos, ressalvando o descarte de 19 trabalhos deste grupo, indisponíveis na internet.

Na identificação dos objetos do conhecimento, examinamos a estrutura dos títulos com base nas “categorias gramaticais” da língua: substantivo, adjetivo, verbo e advérbio (Bechara, 2019, p.161). Ao questionarmos hipoteticamente “O que você investiga?”, a resposta fornecida após o “investiga” (verbo) foi um conjunto de palavras modificadoras (como os advérbios) e/ou especificadoras (como os adjetivos) e suas locuções ou adjuntos respectivos (adjunto adverbial e locução adjetiva, por exemplo).

Em linguagem epistêmica rüseneana, os substantivos que realizam os núcleos dos objetos do conhecimento, tanto nos títulos como no interior dos textos integrais, podem ser interpretados como “categorias” – palavras que “não se referem diretamente a nenhum estado de coisas, mas estabelecem a qualidade histórica da mudança temporal dos estados de coisas”. Também podem ser tipificados como “conceitos históricos” (substantivos próprios) que designam “estados de coisas do passado em sua ocorrência singular” (Rüsen, 2007, p. 93). Assim, além de identificar sintaticamente a função dos descritores (sertão, sertanejo, sertanidade) nos títulos, também tipificamos o emprego desses descritores em termos de conceitos, conceitos históricos e categorias, lançando mão das estratégias da análise

descritiva de conteúdo: formulação de questões, localização de textos, identificação de unidades amostrais, seleção de amostra, estabelecimento de categorias de codificação, inferências e elaboração de relatório (Krippendorf, 2013).

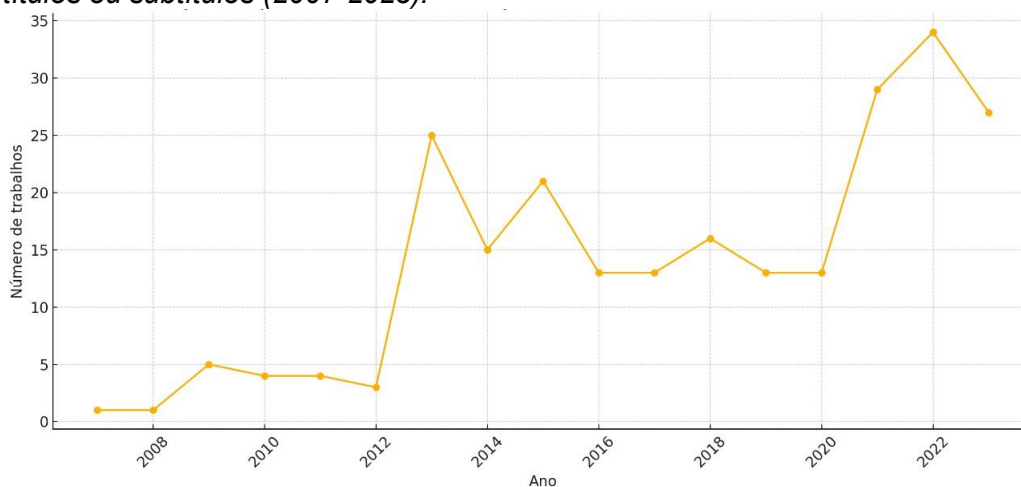
Os resultados da investigação foram organizados em quatro seções. A primeira descreve a distribuição de frequência de trabalhos por ano e estabelece correlações com o gênero, instituição e Estado. A segunda descreve as funções sintáticas da categoria “sertão”. A terceira apresenta os significados de “sertão”, recolhidos nos textos lidos integralmente”. A quarta seção, por fim, discute a consistência argumentativa dos trabalhos intitulados por “sertão” e derivadas.

2 A DINÂMICA DA PRODUÇÃO QUE PRIORIZA A CATEGORIA “SERTÃO” NOS TÍTULOS E SUBTÍTULOS

Neste tópico, analisamos a distribuição temporal dos gêneros textuais ao longo do período 2007-2023, a representatividade das instituições de ensino e pesquisa e dos respectivos estados e regiões nos quais são defendidos os trabalhos de pós-graduação.

Figura 1

Distribuição temporal dos trabalhos de pós-graduação com “sertão” e derivadas nos títulos ou subtítulos (2007-2023).

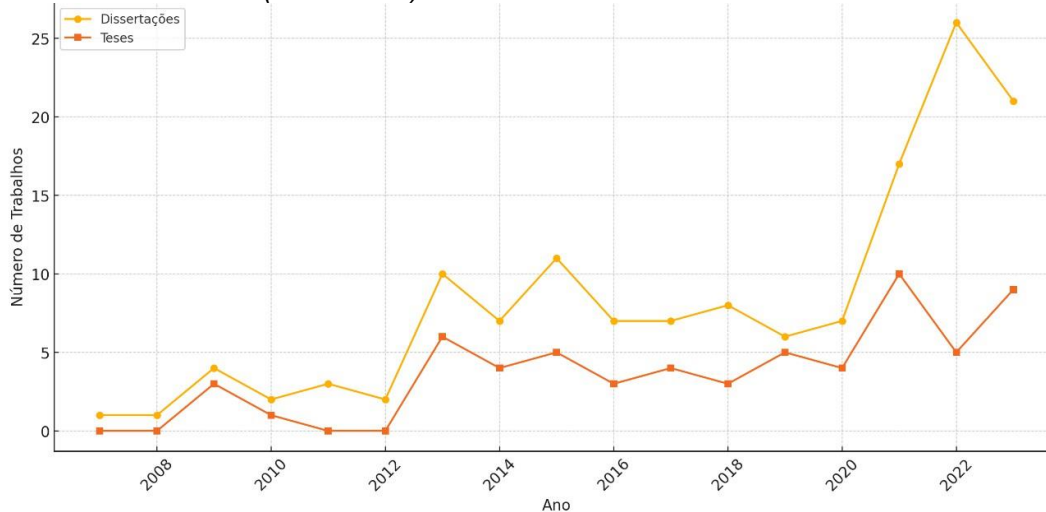


Produzida pelo autor com base no Banco de Teses e Dissertações da Fundação CAPES.

A figura 1 mostra a distribuição temporal da frequência de teses e dissertações brasileiras que incorporam a palavra “sertão” em seus títulos ou subtítulos entre 2007 e 2023. Observamos um crescimento significativo a partir de 2013, quando o número de trabalhos salta de um patamar modesto (abaixo de 5 trabalhos por ano) para um pico de 24 defesas em 2013. Embora haja oscilações nos anos seguintes, com quedas pontuais entre 2016 e 2020, percebemos uma nova inflexão acentuada em 2021 e 2022, quando o número de trabalhos ultrapassa os 30 por ano – os maiores da série histórica.

Figura 2

Distribuição temporal de teses e dissertações brasileiras com “sertão” e derivadas nos títulos ou subtítulos (2007-2023).



Produzida pelo autor com base no Banco de Teses e Dissertações da Fundação CAPES.

Quando comparamos (figura 2) a distribuição anual de teses e dissertações com o termo “sertão” no título entre 2007 e 2023, discriminando-as por gênero textual, constatamos que as dissertações superam numericamente as teses, embora ambas apresentem trajetórias de crescimento. Até 2012, os números se mantêm baixos para os dois tipos de trabalho, com destaque para o predomínio quase exclusivo das dissertações. A partir de 2013, observamos um aumento expressivo nas dissertações, que atingem um pico em 2022 com mais de 25 registros. As teses, por sua vez, seguem um ritmo mais moderado, mas também demonstram crescimento, sobretudo a partir de 2019.

Quando examinamos o lugar das instituições na produção desse montante, percebemos que as diferenças substanciais são mais bem compreendidas quando postas em quartis. O primeiro quartil (Q1) reúne as universidades com maior participação, incluindo instituições como a Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), que lidera com ampla margem, somando 44 defesas. Também se destacam a Universidade Federal da Bahia (UFBA), com 14 trabalhos, e, com números próximos, a Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), com 13, e a Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), com 11.

O segundo quartil (Q2) engloba universidades com participação relevante, embora menos expressiva que as do Q1. Essas instituições mantêm presença constante na temática, geralmente com entre 6 e 9 defesas. É o caso da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) e da Universidade Federal de Goiás (UFG), ambas com 9 trabalhos, seguidas por instituições como a Universidade Federal de Alagoas (UFAL) e a Universidade Federal Fluminense (UFF), com 8 trabalhos cada. A Universidade Federal da Paraíba – Campus João Pessoa (UFPB) também aparece nesse grupo, igualmente com 8 defesas.

No terceiro quartil (Q3) estão universidades que contribuíram com um número

moderado de defesas (geralmente entre 3 e 5), sugerindo envolvimento pontual ou em expansão com a temática. Entre os exemplos estão a Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e a Universidade Federal do Pará (UFPA), ambas com 6 trabalhos; além da Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES) e da Universidade de São Paulo (USP), com 5 defesas cada. A Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), com o mesmo número, também figura nesse grupo.

Já o último quartil (Q4) abrange instituições com apenas uma ou duas defesas registradas no corpus analisado. Embora menos frequentes, essas participações revelam a capilaridade do interesse pelo tema “sertão” em diversas regiões e programas de pós-graduação no país. Nesse grupo encontram-se instituições como a Fundação Getúlio Vargas (FGV), a Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP), a Universidade Estadual do Maranhão (UEMA) e a Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), todas com duas ou uma defesa registrada.

Quando convertemos as informações acima em indicadores de estados e regiões, constatamos, inicialmente, forte predominância do Nordeste, responsável por mais da metade dos trabalhos defendidos, com destaque para o Rio Grande do Norte (44), Bahia (34), Paraíba (18), Pernambuco (17), Ceará (12), Maranhão (10), Sergipe (7) e Piauí (4). A região Sudeste vem em segundo lugar, com contribuições significativas de Minas Gerais (21), Rio de Janeiro (24) e São Paulo (15). O Centro-Oeste e o Norte aparecem de forma mais tímida, com Goiás (11), Tocantins (3), Pará (6) e Mato Grosso (1), enquanto o Sul apresenta números residuais, com destaque apenas para o Paraná (6).

Essa distribuição regional testemunha, provavelmente, a territorialização do sertão como categoria mais fortemente articulada ao imaginário e às realidades do Nordeste brasileiro e, em parte, aos historicamente reconhecidos territórios que formam um perímetro com estados do Sul, Sudeste e Centro-oeste (Rio Grande do Sul, Minas Gerais e Goiás), como veremos no tópico a seguir.

3 FUNÇÕES SINTÁTICAS DE “SERTÃO” NOS TÍTULOS

Títulos, em geral, são compostos por um ou dois segmentos (neste caso, separados por sinal gráfico – dois pontos, sinal interrogação ou hífen e, em situações raras, ponto e vírgula e vírgula. Dentro do primeiro ou do segundo segmento ou, ainda, na condição de núcleos ou complemento dos objetos do conhecimento, a presença do “sertão” depõe sobre a relevância da categoria no trabalho e/ou no domínio acadêmico História. Na análise, considerados em suas funções sintáticas nos títulos, em geral, as categorias “sertão” e “sertanejo” são dominantes como complemento do núcleo do objeto do conhecimento (60%), quando comparados ao emprego como núcleo do objeto do conhecimento (em torno de 40%).

Dominantemente antecedidas por “do”, “dos”, “entre”, “no” e “nos”, sertão funciona como

adjunto adverbial de lugar. Excluídas as referências metafóricas, como no trabalho *Entre repentes e sertões*: presença, mudanças e continuidades da cantoria de viola no Seridó potiguar (Diniz, 2022), as referências aos sertões da Bahia são majoritárias (13%), seguidas de menções ao sertão do Rio Grande do Norte (6%), Ceará, Paraíba, Minas Gerais e Pernambuco (3% cada), e Maranhão, Alagoas, Goiás, Piauí (2%), Sergipe, Rio Grande do Sul (1%).

Como complemento ao núcleo do objeto do conhecimento, em geral, as categorias comunicam o gentílico (“sertão baiano”) ou fazem referência direta a localidades (sertão da Bahia, alto sertão da Bahia e sertão de Jacobina). Os sertões de Santa Catarina, Amazonas, Rio de Janeiro, Tocantins e Pará aparecem com uma ocorrência cada. São raros os sertões que atravessam estados (“sertões da Bahia e de Minas Gerais”, sertão da “Bahia e Sergipe” e sertão de “Alagoas e Paraíba”), como em: *Dotadas de bens*: os enlaces matrimoniais *no sertão de Piranhas e Piancó* (capitania da Paraíba do Norte, século XVIII) (Soares, 2017); e *Poder e política no Brasil imperial*: traços da gênese e da trajetória dos Fontes e dos Dantas no sertão da Bahia e de Sergipe del rey (1820-1850) (Andrade, 2017). Ainda mais raros são os empregos de “sertão nordestino”, “sertão central” ou “sertão brasileiro”, como em: *A força do fraco*: a astúcia como estratégia de desorganização dos jogos de poder no sertão nordestino (Sarmiento, 2017).

Outra forma de complementar o núcleo do objeto do conhecimento é o seu emprego como adjunto adverbial de tempo, como ocorre em *Nas veredas do sertão colonial*: o processo de conquista e a formação de elites locais no sertão de Piranhas e Piancó (capitania da Parahyba do Norte, c. 1690 – c. 1772) (Formiga, 2013), *Inácio Correia Pamplona*: o ‘Hércules’ do sertão mineiro setecentista” (Assis, 2014), *Club Rio Contense*: sociabilidade, instrução e assistência no sertão republicano (Rio de Contas, 1902-1966) (Marinho, 2017) e *Práticas populares de curas e o espaço do médico Francisco Ayres da Silva no sertão brasileiro* (1900 – 1930) (Ferreira, 2022).

Quando aparece na forma de núcleo do objeto do conhecimento, “sertão” é descrito predominantemente como um genérico e abstrato (73%), a exemplo do título *A invenção do sertão no romance d’a pedra do reino* (Oliveira, 2015). Nas demais referências, sertão significa coisa (19%), na figura de nomes próprios (“Princesa do Sertão”, “Drogas do sertão” e “Campus do Sertão”) ou comuns (“religiosidade sertaneja”, “literacia sertaneja” e “representações sertanejas”). Também como núcleo do objeto do conhecimento, sertão é palavra que qualifica pessoas (“cativos do sertão”, “descabaçadas do sertão”, “elites sertanejas”, “emigrados do sertão”, “escravizados do sertão”, “memorialistas do sertão” e “mulheres sertanejas”).

A maior parte das menções como núcleo do objeto do conhecimento, contudo, aparece nas configurações de “o sertão”, “o sertão de” e “o sertão do”. Nessa classe, abunda o emprego metafórico, como em: *O “incivilizado sertão”*: as representações sociais e o cotidiano dos agregados e camaradas do pantanal norte (Borges, 2016) e *O sertão partido*: a formação

dos espaços no planalto curitibano (séculos XVII e XVIII) (Barleta, 2013). Nesta classe, também é frequente a antropomorfização de “sertão”, antecedido pelo artigo “o” e seguido de um termo de contextualização do objeto, como nesses exemplos: *O sertão e o cativo: escravidão e pastoreio. os Campos de Palmas – Paraná 1859-1888* (Machado, 2014); *O sertão é neon: transversalidades e pluralidades de identidades de gêneros no filme ‘boi neon’, de Gabriel Mascaro* (Azevedo, 2022); e *Captura dos sertões na rede: um olhar sobre os sertões contemporâneos divulgados/visualizados nas mídias digitais (2018-2022)* (Medeiros, 2022).

Como afirmamos na introdução, até o encerramento da pesquisa que gerou este trabalho, não encontramos artigos de revisão que enfrentassem, especificamente, esta questão. Assim, conjecturamos que as prováveis razões para a dominância dos termos *sertão* e *sertanejo* como complementos do núcleo em detrimento do seu uso como núcleo do objeto (40%), podem significar um uso acadêmico consolidado, indicando a necessidade de inversão lógica, ou seja, estudos futuros poderiam atribuir maior protagonismo epistemológico do sertão e do sertanejo, problematizando sua condição de traço diacrítico de determinado espaço, lugar, local ou paisagem, como encontramos nessa próxima seção.

4 SIGNIFICADOS DE “SERTÃO” NOS CORPOS TEXTUAIS: UM CAMPO SEMÂNTICO EM EXPANSÃO

Neste tópico, investigamos a diversidade de sentidos atribuídos ao termo “sertão” a partir da leitura integral das obras. Focamos especialmente nos casos em que “sertão” aparece como núcleo do objeto do conhecimento, isto é, como conceito central nos argumentos, nas hipóteses ou nas categorias analíticas. Nessa classe, após o descarte dos títulos indisponíveis na Internet, identificamos 45 entradas com distintos modos de significação.

A categoria mais recorrente na amostra é “espaço”, presente em 14 trabalhos (31%). Em alguns casos, essa espacialidade é mais objetiva e cartográfica, como em Rodrigues (2021, p.30), que define o sertão como “espaço geográfico”, exemplificado como “sertão garimpeiro” ou em Silva (2023b, p.11), que o caracteriza como “espaço geográfico, território e paisagem”, designando “os sertões do Piauí e Maranhão”. Outros autores optam por interpretações mais subjetivas ou fenomenológicas, como Nobre (2022, p.17), que fala em “sertão” como “espaço pensado, imaginado e físico”, ou Oliveira (2015, p.10), que o denomina de “espaço de saudade e memória” ao “sertão” “inventado” pela literatura.

Há ainda apropriações que abordam o sertão como espaço de conflito e alteridade, como Cunha (2013, p.13), que o identifica como “espaço do outro”, em contraste com o litoral colonizado, e Barros (2021, p.18, 195), que o trata como “espaço de fronteira”, em mutação e ainda por conquistar. Em Barleta (2013, p.13-14, 194), o sertão aparece como “formação espacial” vinculada à institucionalização do território pelo império português, enquanto Lima (2020, p.8) associa o espaço sertanejo às lutas sociais, chamando-o de “espaço diversificado

política, social, cultural e geograficamente”.

A segunda categoria mais frequente é “região”, com 7 ocorrências (16%). Esse uso recorre a delimitações geográficas, políticas ou econômicas. Em Oliveira (2014a, p.13), o sertão é a “região semiárida do bioma caatinga”, e em Feitosa (2014), é contrastado à zona canavieira litorânea, sendo definido como “região da economia do algodão e da pecuária”. Em Caetano (2015, p.41), o sertão é interpretado a partir da dicotomia sertão-litoral, revelando tensões históricas entre o moderno e o arcaico. Também aparecem usos administrativos, como em Barbosa (2015, p.22, 143), que o designa como “região do Ceará”, e econômicos, como em Silva (2021, p.10), que o chama de “região econômica”.

Uma terceira família semântica é composta pelos trabalhos que não definem explicitamente o que entendem por sertão – são 6 casos (13%), nos quais o termo é utilizado como se fosse autossuficiente. Autores como Costa (2009), Hollanda (2014), Goveia (2022) e Silva (2013) recorrem ao termo “sertão” e suas variações (sertão nordestino, sertão sergipano), mas não propõem uma definição fundamentada, nem indicam a origem epistemológica do conceito. Em muitos desses trabalhos, o sertão aparece como um pano de fundo geográfico ou como marcador retórico de identidade. Outro grupo importante é o dos trabalhos que constroem o sentido de sertão por negação – 4 casos (9%). Essa abordagem crítica visa desconstruir representações estigmatizadas. Lopes (2021), por exemplo, combate os estereótipos do sertão como lugar de atraso e miséria. Moraes (2023) adota uma estratégia semelhante ao criticar a redução do sertão a limites administrativos ou ecológicos, enquanto Magalhães (2010, p.20) propõe a noção de “não lugar”, ou seja, “o ente caracterizado menos pela fixidez

geográfica e mais pelo movimento criado através de uma mitologia literária.”

Em seguida, há a categoria “representação”, subsunsa dos termos “discurso”, “narrativa”, “imagem” e o próprio “representação”, com 4 ocorrências (9%), que trata o sertão como construção simbólica e discursiva. Souza (2018b), por exemplo, mobiliza M. Foucault para analisar o sertão como “discurso”, enquanto Patrício (2017) define-o como “corpo de narrativas”, com dimensão artística e histórica. Silva (2022b, p.17) aborda o sertão como “imagem” cultural, referenciada por J. Le Goff, e Lima (2021) discute-o como representação do Estado modernizador, especialmente no contexto das políticas contra a seca.

A categoria “lugar” aparece também com 4 entradas (9%), indicando uma tentativa de aproximação do sertão a vivências locais, identidades e experiências históricas. Moraes (2015, p.22) define o sertão como “lugar-objeto de políticas régias”; Oliveira Filho (2016, p.30) o vê como “espaço fronteiro”, e Souza (2021a) o reivindica como lugar de resistência, contra estigmas de miséria. Em Azevedo (2016) conseguimos capturar sertão como “lugar”, apenas conjecturalmente, observando dados da conclusão de seu trabalho, sem, no entanto, encontrarmos estrutura teórica explícita.

As demais categorias aparecem de forma mais pontual, com apenas uma ocorrência cada (9%): “local de enclave entre o Brasil do passado e o futuro promissor” (Prates, 2017, p.13), remetendo ao sertão como interstício entre passado e futuro; “setor complementar da sociedade colonial” (Silva, 2023a, p.23), que interpreta o sertão a partir de sua função econômica e política na formação do Brasil; “domínio” (Costa, 2013, p.13), no sentido de território biofísico do semiárido; “periferia do mundo globalizado” (Ferreira, 2013, p.16, 31). Essa multiplicidade de usos revela que o termo “sertão” funciona como categoria de alta densidade semântica, operando tanto no plano da geografia física quanto no da memória, da identidade, da crítica social e da política cultural. Enquanto alguns trabalhos buscam delimitar sua natureza territorial ou econômica, outros preferem acionar o termo como construção discursiva, evocação simbólica ou categoria de oposição à modernidade hegemônica. Se por um lado isso atesta a vitalidade e complexidade do conceito, por outro expõe os riscos de sua banalização, especialmente quando não há preocupação com sua fundamentação teórica ou coerência argumentativa ao longo do texto. A banalização, contudo, é mais explícita quando o emprego da categoria não agrega aportes e autoria empregados ou não o retoma na conclusão do trabalho (nos casos em que, necessariamente, deveriam ter retomado). Isso é o que veremos nessa próxima e última seção.

5 CONSISTÊNCIA ARGUMENTATIVA DE “SERTÃO”

Neste tópico, examinamos aspectos da consistência argumentativa do uso da categoria “sertão” à presença de definição fundamentada, implícita ou explicitamente, bem como a possível retomada nas conclusões ou considerações finais e, respectivamente, à coerência entre a definição inicial e os usos posteriores no desenvolvimento da argumentação. A partir desses critérios, procuramos aferir se o “sertão” funciona de fato como uma categoria analítica ao longo dos textos ou se opera apenas como expressão vaga, genérica, ou evocativa, descolada do problema investigado.

Os dados apontam que há um número expressivo de trabalhos que definem o termo “sertão”, fundamentando teoricamente as suas formulações. Dos 45 trabalhos analisados, 9 (21%) enquadram-se nessa situação. São os casos, por exemplo, da apresentação de sertão como espaço/ área/formação espacial – “Sertão de Paranaguá”, apoiado em proposições de Milton Santos, institucionalizado pelo império português e humanizado”, “formação espacial” (Barleta, 2013, p.3, 194), espaço geográfico – o “Sertão garimpeiro” – com base no “espaço” de E. Dardel, 2015 (Rodrigues, 2021, p.30) e de sertão como domínio – “das caatingas brasileiras ou nordeste semiárido” – de A. Ab'Saber (Costa, 2013, p.11).

Neste grupo também incluímos os que definem por negação e fundamentam e os que definem e fundamentam a categoria implicitamente (7%). Dos que afirmam negando, temos proposição de que o sertão não deve “ser reduzido a determinados limites administrativos,

como o das capitânias [...] à distribuição dos seus habitantes em um determinado território [...] área ecológica", com o suporte indireto (citação de citação) de I. R. Matos (Morais, 2023, p.27). Entre os trabalhos nos quais a categoria sertão é implicitamente definida, citamos as ideias de sertão como espaço/território/paisagem, sob apoio de P. Litle (Silva, 2023b, p.11), imagem, relativa ao imaginário de J. Le Goff (Silva, 2022b, p.13) e como região econômica, com o apoio de C. C. M. dos Santos (Silva, 2021, p.60).

Dentro dessa rubrica (definir pela negação ou definir implicitamente) são mais numerosos os textos que não fundamentam as categorias empregadas (10%). São os casos em que a categoria sertão é implicitamente designada como lugar, definida após a leitura das conclusões do trabalho (Azevedo, 2016, p.12) e que é definida "não mais como lugar de sofrimento e miséria."

Mais preocupante que a ausência total de definição é o caso dos trabalhos que definem "sertão", mas não fundamentam tais categorias analíticas – situação que abrange 42% da amostra. Esses casos se distribuem para a maioria dos significados de "sertão" anunciados acima, a exemplo de sertão como espaço em Souza (2018a) e Barros (2021), como representação em Patrício (2015 e Souza (2018b), como local e lugar, em Prates (2017) e Moraes (2015), e como região em Santos (2017) e Oliveira (2014a).

Por fim, ainda mais grave são os casos de trabalhos que não definem e, obviamente, não fundamentam suas escolhas (18%). Quando isso ocorre, mesmo que a implícita intenção da autoria tenha sido apenas estética, fica a cargo do leitor, por exemplo, a atribuição de sentido a "sertanejas", no título *Sertanejas de negócios*, Delmiro Gouveia, Alagoas, 1968-2022 (Cavalcanti, 2023) e a "sertão", nos títulos: *O sertão e o cativo: escravidão e pastoreio. os campos de palmas – Paraná 1859-1888* (Machado, 2014); *A arte do improvisado na poética de Geraldo Alves: o sertão ao som da viola* (Costa, 2009); *Entre o sertão e o mar: o projeto de cultura nacional de Leonardo Mota'* (Hollanda, 2014); *A festa do vaqueiro de Porto da Folha: cordelizando vamos ensinando a história e estudando o alto Sertão Sergipano sergipano* (Gouveia, 2022), *Sertão de coxim: apossamentos de terras, conquistas e relações de trabalho (1830- 1898)*' (Silva, 2013) e *O sertão que virou "mar": memória, cultura e identidade no projeto de irrigação jusante, Glória - BA (1988 - 2021)*' (Silva, 2022a)

No que diz respeito à coerência dos usos da categoria na lógica da estrutura do trabalho (introdução/conclusão), quando desconsiderados os casos classificados como "não se aplica", observamos que a maior parte dos textos analisados apresenta algum grau de coerência entre o uso da categoria "sertão" e os elementos estruturantes da pesquisa, como problema, questão, fundamentação teórica ou conclusão. Dos 32 trabalhos restantes, 26 (cerca de 81%) foram considerados coerentes em diferentes níveis. Alguns mantêm coerência direta com o problema de pesquisa, como Patrício (2017) e Oliveira (2014b); outros articulam de forma clara a definição da categoria com a questão de pesquisa e a base teórica, como Souza (2018b), Moraes (2023), Silva (2023a) e Sousa (2018a). Há também exemplos que

demonstram coerência estrutural entre a introdução e a conclusão, como Barleta (2013) e Barros (2021), bem como interpretações inovadoras, a exemplo de Ferreira (2013), que redefine o sertão como "a periferia do mundo globalizado", e Feitosa (2014), que desloca o foco da análise para a categoria "trabalho".

Por outro lado, 6 trabalhos (aproximadamente 19%) apresentaram incoerência parcial ou total. Em alguns casos, há contradições internas, como em Silva (2021), que parte da definição do sertão como região econômica e conclui com uma noção de espacialidade construída no processo colonizador, sem mediação entre os sentidos. Outros autores, como Cunha (2013), abandonam na conclusão o quadro teórico assumido inicialmente, enquanto Barbosa (2015) não retoma a categoria, direta ou indiretamente, ao final da análise. Esses exemplos demonstram que, embora a maioria dos trabalhos busque coerência interna no uso do conceito de sertão, ainda persistem fragilidades quanto à articulação entre definição, fundamentação e fechamento argumentativo, o que compromete a robustez teórica de parte significativa da produção.

6 CONCLUSÃO

A análise dos 244 títulos e dos 64 textos integrais de teses e dissertações revela um paradoxo fundamental: embora o "sertão" figure como um dos conceitos mais mobilizados na historiografia acadêmica recente, ele raramente estrutura com rigor a arquitetura analítica dos trabalhos que o adotam. A pesquisa evidenciou um crescimento relevante do uso da categoria entre 2007 e 2023, com forte concentração no Nordeste e uma pluralidade de sentidos que vão do espaço geográfico à construção simbólica, da identidade cultural ao discurso político. Entretanto, esse dinamismo semântico é acompanhado de fragilidades teóricas: 42% dos trabalhos definem o termo sem justificar suas escolhas conceituais, e 18% sequer propõem uma definição. Apenas uma minoria articula a categoria com coerência epistemológica até as conclusões.

Ainda que 81% dos trabalhos apresentem alguma forma de coerência interna, ela nem sempre se traduz em fundamentação consistente ou em retomada reflexiva da categoria ao final da argumentação. Tais resultados indicam que o "sertão", mais do que uma categoria estruturante, tem funcionado muitas vezes como recurso retórico ou evocativo, mobilizando afetos e imaginários sem necessariamente operar como conceito histórico. Diante disso, reafirmamos a necessidade de um uso mais crítico, teoricamente sustentado e argumentativamente coeso da categoria "sertão" nos trabalhos acadêmicos da área de História.

Essa constatação aponta também para a importância de repensar o trabalho de orientação em programas de pós-graduação. Recomendamos que orientadores incentivem, desde os projetos iniciais, a problematização explícita dos conceitos utilizados e o cuidado

com sua definição e fundamentação teórica. O trabalho formativo pode ser fortalecido por meio da adoção de roteiros de leitura orientada, oficinas de análise conceitual, e discussões sistemáticas sobre categorias historiográficas nos grupos de pesquisa e o emprego sistemático da sequência: definição, fundamentação e exemplificação. Além disso, a promoção de revisões da literatura como exercício pedagógico pode contribuir para o desenvolvimento da vigilância epistemológica e da coerência argumentativa dos pós-graduandos.

Por fim, é necessário reconhecer as limitações deste estudo. O recorte cronológico (2007–2023) e a seleção de apenas 64 textos para leitura integral e a primazia sobre textos que contemplassem sertão (e derivadas) no título, embora metodologicamente justificáveis, são bastante limitados quanto ao espelhamento da diversidade de abordagens existentes. Futuros estudos podem aprofundar a análise comparando usos da categoria “sertão” com outras expressões espaciais (como “interior”, “Nordeste”, “periferia”) ou ampliando o escopo para incluir artigos científicos. Ainda assim, os resultados aqui apresentados fornecem um diagnóstico relevante sobre o lugar que o “sertão” ocupa – e o que ainda não ocupa – na historiografia contemporânea, produzida como trabalho para a obtenção de graus acadêmicos, em nível de pós-graduação.

REFERÊNCIAS

- Almeida, E. A. C. D. (2014). *Nos confins do sertão de Miranda, ocupação, povoamento, economia e trabalho (1830-1892)*. (Tese de doutorado em História, Universidade Federal da Grande Dourados).
- Andrade, M. D. N. (2017). *Poder e política no brasil imperial: traços da gênese e da trajetória das fontes e dos Dantas no sertão da Bahia e de Sergipe Del Rey (1820-1850)*. (Dissertação de Mestrado em História, Universidade Federal De Sergipe).
- Assis, M. E. A. D. (2014). *Inácio Correia Pamplona: o ‘Hércules’ do sertão mineiro setecentista’*. (Dissertação de Mestrado em História, Universidade Federal De São João Del-Rei).
- Azevedo, G. L. D. (2022). *O sertão é neon: transversalidades e pluralidades de identidades de gêneros no filme boi neon de Gabriel Mascaro*. (Dissertação de Mestrado em História, Universidade Federal Do Rio Grande Do Norte).
- Azevedo, M. C. N. D. (2016). *Um olhar sobre o sertão: as fotografias do relatório da expedição científica de Arthur Neiva e Belisário Penna*. (Dissertação de Mestrado em

História, Fundação Oswaldo Cruz/Fiocruz).

- Barbosa, N. P. (2015). *Memorialistas do sertão central: memória, identidade, cultura historiográfica e legitimação do discurso em Quixadá e Quixeramobim (1996- 2002)*. (Dissertação de Mestrado em História, Universidade Estadual do Ceará).
- Barleta, L. B. (2013). *O sertão partido: a formação dos espaços no planalto curitibano (séculos XVII e XVIII)*. (Dissertação de Mestrado em História, Universidade Federal Do Paraná).
- Barros, R. D. S. (2021). *Os sertões em movimento: sertanistas, indígenas e escravidão na Bahia colonial 1651-1720*. (Tese de Doutorado em História, Universidade Federal da Bahia).
- Bechara, E. (2019). *Moderna Gramática Portuguesa*. 39ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Borges, A. C. D. S. (2016). *O "incivilizado sertão": as representações sociais e o cotidiano dos agregados e camaradas do pantanal norte*. (Tese de Doutorado em História, Universidade Estadual De Campinas).
- Caetano, E. S. (2015). *O sertão do brasil central na literatura de João de Minas*. (Dissertação de Mestrado em História, Universidade Federal de Goiás).
- Cavalcanti, M. M. S. (2023). *Sertanejas de negócios, Delmiro Gouveia, Alagoas, 1968- 2022*. (Dissertação de Mestrado em História, Universidade Federal de Alagoas).
- Cheng, S. W.; Kuo C. K.; Kuo, C. H. K. (2012). Research article titles in applied linguistics. *Journal of Academic Language & Learning*. [S.l.], v. 6, n. 1, A1-A14.
- Costa, M. J. F. da. (2009). *A arte do improviso na poética de Geraldo Alves: o sertão ao som da viola*. (Dissertação de Mestrado em História, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo).
- Costa, R. B. D. 2013. *As cores da mata branca: os sertões das caatingas de Manuel Arruda da Câmara e Henry Koster (1793-1815)*. (Dissertação de Mestrado em História, Universidade Federal de Campina Grande).
- Diniz, J. J. O. (2022). *Entre repentes e sertões: presença, mudanças e continuidades da*

cantoria de viola no Seridó potiguar. (Dissertação de Mestrado em História, Universidade Federal do Rio Grande do Norte).

Feitosa A. F. (2014). *Documentário e cultura histórica: o sertão de trabalho e relações de classes em o país de São Saruê (1971)*. (Dissertação de Mestrado em História, Universidade Federal da Paraíba).

Ferreira, B. A. P. (2022). *Práticas populares de curas e o espaço do médico Francisco Ayres da Silva no sertão brasileiro (1900–1930)*. (Dissertação de Mestrado em História, Universidade Federal do Tocantins).

Ferreira, G. H. (2013). *Memória, história e ficção – sertões, metáforas e periferias da globalização: olhares e interpretações a partir das artes de Ronaldo Correia de Brito*. (Dissertação de Mestrado em História, Universidade Federal de Uberlândia).

Ferreira, J. V. (2013). *O ouro como desculpa: conflitos no sertão do Ceará durante a segunda metade do século XVIII*. (Dissertação de Mestrado em História, Universidade Federal de Pernambuco).

Formiga, M. M. M. (2013). *Nas veredas do sertão colonial: o processo de conquista e a formação de elites locais no sertão de Piranhas e Piancó (capitania da Parahyba do Norte, c. 1690 – c. 1772)*. (Dissertação de Mestrado em História, Universidade Federal da Paraíba).

Hollanda, J. T. R. D. (2014). *Entre o sertão e o mar: o projeto de cultura nacional de Leonardo Mota*. (Dissertação de Mestrado em História, Universidade Federal do Ceará).

Krippendorff, K. (2013). *Content Analysis: an introduction to its methodology*. Los Angeles: Sage.

Lima, F. T. (2021). *Sertão à beira-mar: o espaço das secas na exposição internacional do centenário da independência*. (Dissertação de Mestrado em História, Fundação Getúlio Vargas).

Lima, J. R. Q. D. (2020). *O sertão também é punk: a trajetória do movimento punk em Delmiro Gouveia (alto sertão alagoano – 1984 a 1996)*. (Dissertação de Mestrado em História, Universidade Federal de Alagoas).

Lopes, E. R. (2021). *Literacia sertaneja: ensino da história do sertão nordestino e literatura no combate aos preconceitos*. (Dissertação de Mestrado em História, Universidade Regional do Cariri).

Machado, J. L. D. S. (2014). *O sertão e o cativo: escravidão e pastoreio. Os campos de palmas - Paraná 1859-1888* (Dissertação de Mestrado em História, Universidade de Passo Fundo).

Magalhães, L. R. (2010). *Sertão Planaltino: cultura, religiosidade e política no cadinho da modernização (1950-1964)*. (Tese de Doutorado em História, Universidade Federal de Goiás).

Marinho, A. H. F. (2022). *O sertão de canudos em ebulição: ciência, política e memória na construção do açude Cocorobó*. (Dissertação de Mestrado em História, Fundação Getúlio Vargas).

Marinho, S. R. (2017). *Club Rio Contense: sociabilidade, instrução e assistência no sertão republicano (Rio de Contas, 1902-1966)*. (Tese de Doutorado em História, Universidade Federal da Bahia).

Medeiros, E. K. D. (2022). *Escrever um sertão: a escrita etnográfica de Oswaldo Lamartine de faria (Seridó, 1945 – 2005)*. (Dissertação de Mestrado em História, Universidade Federal Do Rio Grande do Norte).

Moraes, A. P. D. C. P. D. (2015). *Entre mobilidades e disputas: o sertão do rio piranhas, capitania da paraíba do norte (1670-1750)*. (Tese de Doutorado em História, Universidade Federal do Ceará).

Morais, Y. B. D. (2023). *Sertão em movimento: conexões, circulações e mobilidades nos sertões de Piranhas e Piancó da capitania da Paraíba do Norte, século XVIII*. (Tese de Doutorado em História, Universidade Federal Fluminense).

Nobre, M. C. R. (2022). *Sertão, medicina e modernização: Hermes de Paula e o olhar médico sobre a cidade de Montes Claros (1940-1950)*. (Dissertação de Mestrado em História, Universidade Estadual de Montes Claros).

Oliveira A, R. B. D. (2016). *Povos bárbaros ou fiéis vassallos? luta, negociação e*

protagonismo indígena diante do devassamento do sertão da farinha podre e áreas contíguas (1750–1850). (Tese de Doutorado em História, Universidade Federal de Uberlândia).

Oliveira Filho, F. H. D. A. (2016). *Cativos do sertão: a família escrava na freguesia de N. S. do Carmo de Piracuruca, Piauí - (1850-1888)*. (Dissertação de Mestrado em História, Universidade Federal do Ceará).

Oliveira, A. B. D. S. (2015). *A invenção do sertão no romance de 'A Pedra do Reino*. (Dissertação de Mestrado em História, Universidade Federal de Pernambuco).

Oliveira, E. G. D. S. (2014^a). *Os índios Pankará na serra do Arapuá: relações socioambientais no sertão pernambucano*. (Dissertação de Mestrado em História, Universidade Federal de Campina Grande).

Oliveira, H. C. de. (2014b). *"As coisas lá da minha mudernage": entre-lugar, modernidade e sertão na obra artística de Elomar Figueira de Mello*. (Dissertação de Mestrado em História, Universidade Federal de Goiás).

Patrício, D. A. (2017). *O "omelete ecumênico": reescritas do (outro) sertão no corpo de baile de Guimarães Rosa*. (Tese de Doutorado em História, Universidade Federal de Minas Gerais).

Prates, B. R. E S. P. G. (2017). *Ciência, ordem e progresso: a ação médico-estatal sob os corpos sertanejos (1916-1928)*. (Dissertação de Mestrado em História, Universidade Estadual de Montes Claros).

Rodrigues, B. H. R. (2021). *As representações literárias do sertão garimpeiro e sua geograficidade no antigo Norte Goiano (1940-1980) nas obras: Oco do mundo, Tipos de rua e Tipos populares, de Juarez Moreira Filho*. (Dissertação de Mestrado em História, Universidade Federal do Tocantins).

Rodrigues, F. D. S. (2023). *Vozes que narram e palavras que curam: as rezadeiras e rezadores do sertão do Vale do Sabugi (XX-XXI)*. (Dissertação de Mestrado em História, Universidade Federal de Campina Grande).

Rüsen, J. (1986). Conceitos históricos. In: *Reconstrução do passado: teoria da história II – os princípios da pesquisa histórica*. Brasília: Editora da UnB, 2007. p. 91-100. [Primeira

edição em alemão – 1986].

- Santos, E. G. D. (2017). *“Do sertão para a nação”: trajetória intelectual e escrita literária de Afrânio Peixoto (1897-1930)*. (Tese de Doutorado em História, Universidade Federal do Paraná).
- Santos, G. G. D. (2022). *Sertões indômitos: comércio, doenças e práticas de cura na capitania do Piauí - século XVIII*. (Dissertação em História, Fundação Oswaldo Cruz).
- Santos, J. L. B. D. (2017). *Um sertão pastoril de negros e fidalgos: um estudo sobre Feira de Santana e os últimos anos da escravidão (1860-1888)*. (Dissertação de Mestrado em História, Universidade Estadual de Feira de Santana).
- Sarmento, L. D. S. C. (2017). *A força do fraco: a astúcia como estratégia de desorganização dos jogos de poder no sertão nordestino*. (Dissertação de Mestrado em História, Universidade de Brasília).
- Silva, A. P. N. D. (2022b). *E através das palavras se desvelaram os mais recônditos confins de dentro: quatro relatos sobre os sertões da capitania de Pernambuco (1774-1820)*. (Dissertação de Mestrado em História, Universidade Federal de Minas Gerais).
- Silva, E. L. D. (2023b). *“Por todos esses sertões em que buscava se ocupar”: guerras e alianças entre os indígenas e os luso-brasileiros nos sertões do Piauí e Maranhão na segunda metade do século XVIII*. (Dissertação de Mestrado em História, Universidade Federal do Maranhão).
- Silva, M. M. D. N. (2022a). *O sertão que virou “mar”: memória, cultura e identidade no projeto de irrigação jusante, Glória - BA (1988 - 2021)*. (Dissertação de Mestrado em História, Universidade Federal de Sergipe).
- Silva, R. S. C. D. (2021). *O “grande sertão” do império: tensões políticas e sociais nos sertões do Rio São Francisco (1827-1889)*. (Tese de Doutorado em História, Universidade Federal da Bahia).
- Silva, T. E. D. (2023a). *Das ribeiras e fazendas às vilas e câmaras: elites sertanejas do Rio Grande do Norte, séc. XVIII e XIX*. (Dissertação de Mestrado em História, Universidade de São Paulo).

Soares, B. F. (2017). *Dotadas de bens: os enlaces matrimoniais no sertão de piranhas e Piancó (capitania da Paraíba do Norte, século XVIII)*. (Dissertação de Mestrado em História, Universidade Federal de Campina Grande).

Souza, A. D. (2018a). *Nas veredas negras do sertão: histórias de vida familiar de escravizados no sertão brasileiro (vila de Catolé do Rocha/Paraíba, 1836-1866)*. (Dissertação de Mestrado em História, Universidade Federal da Paraíba).

Souza, M. F. R. (2021a). *Deus e o diabo em Bacurau: o sertão no Cinema Novo e na produção cinematográfica contemporânea*. (Dissertação de Mestrado em História, Universidade Regional do Cariri).

Souza, R. F. (2028b). *O sertão nos trilhos: ferrovia, ambiente e saúde no debate sobre a integração do Norte de Minas Gerais (Diamantina, 1902 -1922)*. (Dissertação de Mestrado em História, Fundação Oswaldo Cruz).

Zhai, X.; Razali, A. B.; Sulaiman, T. (2022). Synthesis of the Types and Trends of Review Articles. Hindawi - Education Research International.